

## Algo antes de se deixar partir

Dramaturgia de Marcela Andrade

*(um hospital, nenhum movimento, pouco movimento)*

*Ela:*

Minha dúvida na manhã anterior havia sido a cobertura do bolo. Só isso: glacê ou pasta americana? Não consigo lembrar... Escolher. Não consegui escolher. Sofri uma dúvida por horas, tão urgente de ser resolvida quanto a necessidade que tenho de te escolher... De te ver. Agora. ----- Glacê parecia a opção pelo gosto e pasta americana pela beleza. Porque, sim, glacê é diferente de pasta americana, é mole, não endurece. Poucos sabem, eu sei, você não vai saber. ----- É que se generalizou chamar de glacê toda cobertura de açúcar que cobre e enfeita, colore e detalha, valoriza um bolo, sabe? Pasta americana é um nome mais desconhecido, pouco usado, mas a maioria dos bolos leva pasta americana, não glacê, ninguém sabe disso, mas é assim e não despenca. ----- Por que essa imagem começa, agora, desse bolo branco que, só agora, desmorona devagar? ----- Por que seis braços agarram ----- seis mãos e todos seus trinta dedos inutilmente tentam ----- agora ----- agarrar essa massa que desmorona com um cuidado de permanência nos olhos de todos e de todas que circundam a mesa nessa comemoração de aniversário ----- Aniversário? ----- De quem? ----- Dos filhos? ----- Vivos? ----- Em cima do prédio de muitos andares, estão aqueles dois bonecos não comestíveis do bolo, duros e coloridos. Eu pularia contigo se você tivesse alcançado a coragem... Outra vez um braço seu que não alcança. Dedos. Quanta incapacidade a nossa, eu acho! ----- Agora o bolo desmorona e, com ele, a imagem se desfaz na minha cabeça, diferente da cena de uma casa que pega fogo na lentidão dos olhares dos personagens de Tarkovski em O espelho. Assisti essa cena tão criança quanto os

meninos do filme e ela permanece em mim, detalhada em sua lentidão. Película russa. Tanta distância e tanta proximidade. Você nunca quis ver. ----- Uma casa em chamas. ----- Em olhos. ----- Uma lentidão que resiste ao fim. ----- ----- O casamento, o nosso, como outro qualquer, começa com uma chance para a comemoração. Tudo acontece muito rápido. Não há buquê, se dançam não vejo, mas há o bolo. Enorme. Há também fotos. Uma luz branca que pisca insistentemente. Vontade de dançar! Vontade de beber! Com você. Vontade de esvanecer, bêbada e em dança, com você. Em meio às músicas nostálgicas de alegrias de outrora, um pedaço triste do bolo cai. Todos param, olham a vergonha dele e os lábios denunciam os espantos daqueles corpos dançantes em exceção de festa. ----- Eu me comovo com essa exceção de festa ----- Eu me importo ----- Acho que há anjos que asseguram a exceção! ----- ----- Tenho algum tempo para perceber que ao menos nesse bolo em queda não há fogo. ----- Consigo te dizer isso em palavras calmas. Na urgência, há a calma, há a vital necessidade dela ----- Não há fogo ----- E, só com essas palavras ----- Não há fogo ----- Retenho seu susto. ----- Você é assustado. ----- Constantemente. ----- --- Pode ser milagrosa a calma. ----- ----- Eu insisto agora na memória da cena russa de Tarkovski, na cena russa de um incêndio. Como vi ali uma casa que caía na lentidão dos olhos dos personagens, também vi, ainda criança, o bolo de uma amiga da escola resistir de pé, mas derrubar uma mesa ao espalhar suas chamas de vela de estrelas. Vela de estrelas, conhece? É bonito, eu acho, chamas de estrelas, múltiplas e finas, sobre uma mesa repleta de palhaços coloridos confinados em morte coletiva espalhada na toalha de plástico. Karma, talvez. Essa coisa de tragédia em bando deve ser Karma coletivo. Um mistério incompreensível essa coisa de reencarnar palhaço de festa e morrer queimado em pilhas de corpos sobre um plástico negro. ----- ----- Não. Não vejo fogo agora. --- ----- Vejo você. ----- Não. ----- ----- Vejo o bolo e a dúvida

na manhã anterior. Glacê. Glacê. Pasta. ----- Acho melhor glacê. -----  
----- Nunca entendi minha falta de desejo em casar. Nunca entendi  
essa constante dúvida que incomoda o corpo, que me repeliu do  
corpo, que me impediu a transa, naquele dia, naquela... A falta de  
escolha que me permite te desejar mais em mente que em corpo  
agora... ----- Eu te amei. ----- E eu lidei bem com a solidão após a  
queda de um prédio. Sim, amor, o prédio caiu. Sim, eu me lembro.  
Não, não foi possível te avisar. Não, eu não liguei. Eu não pude mais  
falar na manhã seguinte porque o prédio caiu. Entenda. No centro da  
cidade, um prédio caiu e eu estava perto o suficiente para ruir junto.  
Havia pessoas ali. Há sempre pessoas perto. Pessoas que importam  
haver. ----- Um prédio caiu, você já leu as notícias? -----  
Pessoas importam, perto, sempre, eu estava ruindo... Quem não  
importa? Perceba. Já escolhi o glacê e estou em paz agora. -----

-----  
-----  
-----  
*(qual som possível?)* -----  
-----  
-----  
-----

-----  
-----  
-----  
-----  
-----  
-----  
-----  
*(um estacionamento, algum movimento, muito movimento)*

*Ele:*

Foi a cortina da janela ter balançado. Foi só isso. Um movimento  
suficiente para um susto. Eu não entrei, desculpa. Eu me assusto.  
Constantemente. Não foi exceção. Não entrei e, agora, o que te digo?

\*\*\*\*\* \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* Eu demorei mais que o de costume para escolher a vaga do carro. Não foi por falta. Foi por poder de indecisão mesmo. Você diria... Tem a ver com o céu, com as estrelas, aquela coisa de sol em libra, ascendente em quê? Não sei a hora em que nasci. Você talvez saiba. \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* Sem uma resposta, sem um olhar, sem ter atravessado aquela porta, posso estar plantando a demora da culpa em mim, não posso? Me diz onde a culpa vai crescer... Comigo? Onde você vai estar? Estou sentindo tudo espalhado agora, não me peça para localizar. A culpa. Coisa mesquinha, cristã. Não me lembro nem da letra nem da cor do estacionamento. Porra! G azul, eu acho. \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* Mas eu guardei o cupom no bolso pequeno da mochila. \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* Você tem razão, é muito melhor, não tem erro, tudo está sempre lá. No bolso pequeno. E eu tenho 20 minutos gratuitos, já se passaram doze e estou voltando. \*\*\*\*\* Estou na letra A. \*\*\*\*\* Ainda. \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* Eu quero voltar e falar contigo. \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* Já me ensinaram que é bom o toque, que, apesar de você não olhar, não falar, que você vai sentir. A minha mão vai segurar a sua. \*\*\*\*\* Eu não seguro a raiva. \*\*\*\*\* Se houvesse forma dela existir em escape sadio, eu agiria sereno, mas ela irrompe e amassa as partes mais escondidas desses carros parados na letra C. \*\*\*\*\* Coração. \*\*\*\*\* Você me chamou assim na primeira semana em que nós... Eu achei brega. Eu achei até perigoso. Agora agradeço. Você ouve meu agradecimento? \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* E. \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* \*\*\*\*\* F. \*\*\*\*\* Fomos felizes, não Fomos? \*\*\*\*\* Na medida do possível, na maneira partilhada, nas necessidades, nos sustos, nos amparos. Meu pensamento está tão forte que mesmo sem me olhar, você me ouve? Você me ouve e grita: brega! Você está sendo brega! Eu rio e me assusto novamente com a cortina da janela na entrada balançando, eu viro, eu estou na cor azul, numa letra e, mesmo sem conseguir me mexer, as palavras de uma vida me bombardeiam e guerreiam com imagens lindas e bregas e perigosas e, com medo \*





mãos e pergunta: seu nome? \* Qual é o seu nome? \*\*\*\*\* Minha avó responde, despertando aos poucos de uma queda na piscina. \* Eu, ainda criança, me sinto aliviado e mantenho as mãos postas apesar de não conseguir pensar em nada. \* Minha avó tremeu antes de cair na água. \* Eu não sabia como socorrer. \* Eu não sabia se vovó tremia ou se afogava. \* Eu cheguei a achar que a ela estava brincando. \* \* \* \* \* ----- \* \* \* \* \* A água empurra a língua que quer se enrolar. ----- ----- ----- ----- ----- (como Ela consegue gritar?) ----- --

-----  
-----  
-----  
*Ela:* A água do meu útero agora empurra a criança! ----- Tivemos filhos? ----- Vivos? ----- \* (como Ele consegue gritar?) \* ----- A mulher grita, precisa gritar: É uma menina! É uma mulher! É um bicho! -----

----- (há mais algum som possível?) -----

-  
-  
-  
-  
-  
\*  
\*  
\*  
\*  
\*

*Ele:*

A gente pode aprender a rezar. Em crise. A gente pode. A gente tenta. Eu vim no carro tentando rezar por você, acredita? \*\*\*\*\* Lembrei da minha avó. \*\*\*\*\* Epilepsia, sem remédio, descontrola a língua.

-  
-

*Ela:* Mova a língua para rezar.

-

-

*Ele:* Lembrei da criança. - - - - -\*Não\*Não lembrei\*- - - - - Eu era criança e não consegui entrar na porta do CTI. Tentei guardar pra mim o rosto da minha vó seco, mas sorrindo.

- - - - -

- -

-

-

-

*(já no carro, Ele liga o rádio e parte. Som aleatório de Nina Simone cantando Everything must change.)*

\* \* \* \* \*  
\* \* \* \* \*  
\* \* \* \* \*  
\* \* \* \* \*  
\* \* \* \* \*

*Ela:*

Em um soterramento, os olhos descobrem outros modos. Eu não sei quais, ainda não sei, porque a poeira se solidifica e, com as lágrimas, que não existem em líquido, cria uma espécie de massa, de grude. Os olhos lutam. Todas as pessoas deixadas para trás, agora em silêncio. As pessoas que correram na minha frente, também agora, em silêncio. Como se grita se a gosma não distingue olhos de bocas? Pelo nariz? ----- Desconfio de estar gritando pelo nariz. ----- A gente reaprende a respirar, no susto, na exceção ou constantemente, a gente reaprende. Até mesmo a rezar. Minha reza há pouco tempo descobriu tambores. Tambores graves. Estalo os dedos. Meu nome. Qual é o meu nome? Alguém. Soterrada. Vão me achar? Estalo mais forte. Como? Como movo os braços? Que braços? Que corpos? Quantos pedaços? Eu estendo minha mão e espero um beijo seu na nudez dos meus dedos. -\*-\*-\* ----- O que é isso de correr e se



esconder na poeira da garagem de casa e começar a rezar quando não se sabe o que fazer? --\*-- Chupa. Dedo a dedo. Remove essa terra que é úmida apesar de faltar água. A sorte é não pegar fogo. Apesar das faíscas, o fogo resiste a nascer. Eu sinto sede e não há saliva para chupar, para engolir, para cuspir, não há saliva. Estou te pedindo. Faça isso por mim. Ou bata palmas e acompanhe o tambor. Eu vou estalar os dedos sujos de terra.

- - - - -

Um prédio de vinte andares caiu no Centro da cidade do Rio de Janeiro sobre cabeças, pescoços, ombros, costelas, bacias, fêmures, joelhos, calcanhares e pés e eu acho que sobrevivo. Ou algo de mim. Por que essa insistência em me manter alguma coisa? ----- Talvez eu te ligue para dizer que esqueceremos, que até os detalhes serão esquecidos. ----- Até os detalhes inventados. ----- Talvez eu te diga antes que doeu, bastante, mas que chega um momento em que não há dor. De repente não há dor. Como dormir de repente em uma noite de insônia. Sem lembrar quando, dormir. Chega esse momento de entrega, de descontrole, de abandono de um si conhecido. -----

- - - - - Eu acho ----- - - - - -

- - - - -

Faz frio. Não há fogo aqui. ---- Vou dormir com frio e na ignorância. Foi a cortina da janela da entrada ter balançado? Foi só isso? Um movimento foi suficiente pro seu susto? Também me assustei. O vento fez barulho. ----- Também ventou quando o prédio ruiu. Um prédio. De vinte andares. ----- No centro da cidade. ----- Com janela. ----- Com cortina. ----- Ruiu como tudo que cai em atentados diários. ----- Não parece, mas nas guerras também venta. ----- Por isso a poeira, nas guerras, porque venta. ----- Eu olhei para fora. ----- Foi a cortina da janela ter balançado com a violência que balançou - um susto - me fez olhar para fora - um susto - você não entrou aqui - um susto - te falta coragem - Me ajuda! - a janela quebrou - janela pequena de escritório de advocacia, eu sei... É tanta coisa que a

gente renuncia jovem pra fazer uma carreira... Eu sei, eu andava exausta, eu estou cansada, eu sei, você me sugeriu rever os dias, os tempos, eu só esperava a noite, eu só queria você, agora, me olhando antes de eu dormir.

- - - - -

\* \* \* \* \*

\*

\*

\*

\*

Ele – Eu preciso tirar meus sapatos?

Enfermeira – O senhor pode vestir uma proteção. Está junto à roupa. Há proteções e luvas. O senhor é médico, não é?

Ele – Sou.

Enfermeira – Só é possível entrar fora do horário de visitas se...

Ele – Sim, eu sei.

Enfermeira – Até o momento, só os pais tiveram autorização para...

Ele – Qual o grau das queimaduras?

Enfermeira – Há em três graus.

Ele – Em localizações...

Enfermeira – Majoritariamente em pernas, tronco e braços do lado direito. As mais profundas.

Ele – Ela já abriu os olhos?

Enfermeira – Abriu. Durante a madrugada. Uma vez. Mas isso significa pouco, o senhor sabe, os olhos...

Ele – Eu sei.

Enfermeira – O senhor, se desejar, pode deixar seus pertences na sala dos médicos. O cirurgião deve falar com o senhor. Na parte da manhã, dependendo do quadro dessa noite, haverá uma nova intervenção e pode ser possível acompanhar se o...

Ele – Não, obrigado. Por me avisar. Agradeço, mas eu não sei ainda se quero conversar, se vou entrar, se... É preferível tirar os sapatos, mesmo com a opção de proteção do calçado, das roupas, eu acho melhor eu entrar de meias. Com a proteção por cima. *(retira os sapatos)* Faz frio aqui. Eu não me acostumo com o frio do...

Enfermeira – O senhor trabalha em CTI?

Ele – Consultório.

Enfermeira – Somente?

Ele – Pediatria homeopática. Foi uma escolha.

Enfermeira – Acho que com mais tempo de profissão, qualquer pessoa se acostuma ao frio. O senhor pode acreditar, se torna mais fácil.

Ele – *(com a proteção vestida)* Uma vez eu caí de moto e, assim que bati no chão, arranquei o tênis.

Enfermeira – Perdão, eu não entendi.

Ele - Antes de pensar qualquer coisa, antes de entender que eu estava vivo, eu arranquei o tênis, antes de pensar.

Enfermeira – Sua mulher...

Ele – Minha amiga.

Enfermeira – Desculpe.

Ele – Não. Nada grave.

Enfermeira - O senhor, apesar das luvas, não deve tocá-la.

- - - - -  
-  
-  
-

*Ela:*

Eu aceito os pulos de fuga em um prédio em chamas. \* Eu aceito.\* É o tempo empurrando. \* É o tempo tentando segurar. \* É uma vida se dizendo finita. \* Eu aceito - A sua partida \* E mergulho na pouca água armazenada - Em balde. \* Não \* Não morreremos fácil \* Que - haja - Impulso \* Que haja impulso - Irracional \* Que se façam luzes \* Que haja brechas de claridão \* Que sejam serenas \* Amarelas e quentes \* Luz branca - Não - Luz branca lembrará - O som - Repetitivo \* Não me faltam forças - - - - \* \* \* \* \* - - - - \* \* \* \* \*

\*  
\*  
\*

\* \* \* \* \*   \* \* \* \* \*   \* \* \* \* \*   \* \* \* \* \*   \* \* \* \* \*   \* \*

Ele - Só uma fratura micra e interna.

Enfermeira - O quê?

Ele - Na moto. Na queda. Eu tive só uma fratura no calcanhar.

Enfermeira - Complicado. Pés são... Apoios. Imagino que o senhor não pôde...

Ele - Não posso tocá-la?

Enfermeira - Não. Mas pode e deve conversar com ela.

Ele - Conversar? Como?

Enfermeira - O som das palavras, isso ajuda.

Ele - Nós nos falamos. Ela me ligou na noite anterior. Ela me deu parabéns.

Enfermeira – Seu aniversário?

Ele – Uma lembrança. Todo ano, ela insiste... Uma lembrança que se espalhou depois de quebrar. Alguma coisa na gente sabe o que se quebrou, não sabe?

Enfermeira – Acho que sim... Digo... Na queda da moto. O senhor deveria saber para retirar o tênis no impulso.

Ele – Eu não sei se vou entrar.

Enfermeira – Desculpe, mas o senhor só pode permanecer vinte minutos nesse horário noturno.

Ele – Vinte minutos? É pouco. É só o tempo do estacionamento gratuito. É impossível.

Enfermeira – O senhor tem vinte minutos. Depois pode aguardar o cirurgião de plantão. Ele está ciente dos procedimentos das últimas horas.

\*\*\* --- \*\*\* --- \*\*\* --- \*\* -- \*\* -- \* - \* - \* - \* - \* - \* -

*(Som farol de uma última noite)*

*Ela:*

Danço - os tambores – Que eles pisquem - em som – Ouço - os risos mais verdadeiros – Ouço - os gemidos de paixão plena - - - - Eu tiro agora meus sapatos. - - - Eu tiro toda minha roupa. - - - Eu sinto a terra batida. - - - Minha mão esquerda no balde - - Sua sombra já mergulha no Sol - - No Sol - - molho a nuca - - Eu, menos seca, sorrio - e danço - e danço - e danço – e danço – e danço - me comove essa exceção de festa - - - - - - - - acho que há anjos que asseguram a exceção.

- - - - -  
- - - - -  
- - - - -

(não deve haver som possível para qualquer dança final)

-  
.  
.  
.

*Ele:*

Eu só corro. Não me pergunte, não saberemos, há sempre motivo anterior a qualquer razão. Há palavras que tentam sair, mas que não ousam usar as letras do alfabeto, por isso, eu corro. Letras e mais letras e cores e sons. Eu tropeço e caminho lento, já quase não ando, mas ainda sinto a adrenalina de voar por uma estrada com o som forte do motor de uma Honda 300. G azul, finalmente, meu carro! Eu entro, sento e insisto em sentir a maldita moto que desde a adolescência me iludiu em prazer. \* Eu te amei, menina, acredite. \* O que é isso de se esquecer que é frágil? O que é isso de acelerar, de sentir, de amar, de gozar a vida e vem ela e te surpreende em queda? \* Não saberia pensar agora sobre perda. \* Não me interessam prédios nem destinos. Não serei capaz de imaginar seu corpo ali. Já me esqueci do seu corpo nu. Dos detalhes. Já me esqueci... Por isso, não vou me surpreender com seu rosto, com seu lado direito, não compreenda, mas ficarei com a possibilidade de sorrisos secos que ainda posso escolher guardar. \*\*\*\*\* Não sinto o vento e me pergunto o que é isso agora que empurra meu rosto e me faz sentir suas mãos embaçando a maquiagem de palhaço triste que me dei no espelho pequeno do retrovisor. \*\*\*\*\* Não há fogo aqui. \* Então um palhaço sobrevive.

\*\*\*\*\*  
\* \* \* \* \*  
\* \* \* \* \*  
\* \* \* \* \*  
\* \* \* \* \*